

O HOMEM NO MUNDO

A VISÃO ECOLÓGICA

por MANUEL GAMA (*)

1. Nos anos 50, Eugene P. Odum pulicou uma obra, que é já clássica no domínio da ecologia. Esse vasto estudo conclui com estas sábias palavras: «é forçoso admitir que se sabe menos sobre a própria população humana que sobre a de alguns outros organismos — o que é bastante pouco! Consequentemente, está-se em posição de fazer um estudo muito atento sobre o Homem e a Natureza (como uma unidade, e não separadamente), mesmo antes de se começar a conceber a ideia de que somos senhores do nosso destino» (1).

Desde essa altura até ao presente, tem sido produzida grande quantidade de literatura nesta matéria.

2. Em 1992, o pensador francês Luc Ferry publicou uma obra, intitulada *Le Nouvel Ordre Écologique*, de que temos uma fluente tradução portuguesa, na qual o autor aponta perspectivas de muito interesse sobre a Ecologia (matéria,

(*) Professor Auxiliar, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho.

(1) Eugene P. ODUM, *Fundamentos de Ecologia*, trad. port., 3.ª ed., F. C. Gulbenkian, Lisboa, 1979, p. 550.

inicialmente, bastante restringida ao mundo anglo-saxónico e germânico) e o Humanismo. Procurando enquadrar os debates teóricos sobre a ecologia na actualidade, Luc Ferry encontra três correntes, que correspondem a outras tantas tendências, nas relações do homem e da natureza. Uma, de cariz «humanista», mesmo *antropocentrista*, parte da ideia de que «através da natureza, é ainda e sempre o homem que se trata de proteger», embora haja a consciência de que a destruição ou preservação da natureza tenha implicações na qualidade de vida do próprio homem. Uma outra, é de tendência «utilitarista», segundo a qual, a par do homem, os animais — entes susceptíveis de prazer e dor — passam a ser objecto de preocupações morais. Nesta corrente se insere o movimento de «libertação do animal», que defende a conquista do maior bem-estar possível, mesmo para os seres vivos não humanos. Uma terceira corrente, vê em todos os seres não humanos entidades com direito próprio. Esta corrente, informadora de movimentos defensores de uma «ecologia radical», defende a necessidade de proteger o cosmos enquanto tal das ameaças do homem (2).

Àquelas três tendências, por motivos operatórios, propõe o autor uma terminologia bipolar, já clássica nas universidades americanas — como nos informa —, de «ecologia profunda» (*deep ecology*), «ecocêntrica» ou «biocêntrica» e de «ecologia superficial» (*shallow ecology*) ou «ambientalista», fundada no clássico antropocentrismo (3). Perspectiva que tomamos nestas breves linhas onde, a partir da problemática exposta, desejamos fazer uma pequena reflexão de carácter antropológico.

3. É mais ou menos aceite, no pensamento ocidental, que os seres vivos formam um sistema organizado, em que domina uma hierarquia, orientada pelo maior ou menor grau de autonomia. O homem ocupa uma posição especial dentro do sistema, como «microcosmos», como o lugar privilegiado onde a natureza atinge a consciência e, por isso, se pode pensar. Isto é, sendo o puro objectivo o puro desconhecido, só pela racionalidade a natureza salta para fora do objectivo. Então, parece-nos bastante imbuída de fundamentalismo a posição dos «ecologistas profundos» ao pugnaem pela defesa de um «ambiente natural», em que à natureza (excluindo os seres humanos) é dada a proeminência e o protagonismo no planeta. Ao defenderem os direitos dos animais, das plantas, das rochas, etc., não estarão a ser paternalistas, querendo projectar no «ambiente natural» aquilo que, afinal, julgam ser o melhor para si? Ou seja, não haverá uma contradição na «ecologia profunda» ao fazer-se uma valorização da natu-

(2) Cf. LUC FERRY, *A Nova Ordem Ecológica. A árvore, o animal e o homem*, trad. port., Asa, Porto, 1993, pp. 25-27.

(3) *Ib.*, p. 27.

reza a partir de valores humanos? (4). Agindo segundo o modelo da «ecologia profunda», não teria o homem que aceitar passiva e reverencialmente toda a espécie de catástrofes naturais, desde os terremotos até às mais variadas epidemias?

Para aquela posição radical de entender o homem e a natureza há alguns motivos que pretendem justificá-la. No pensamento da Idade Média encontramos a expressão da mentalidade da época: a natureza estava feita para o homem, mas, a par da actividade transformadora realizada por este, vemos nos medievais uma atitude de respeito, evidenciada na contemplação da natureza. Posteriormente, e até ao nosso século, essa atitude de respeito e contemplação é substituída pela absolutização do mercado e do valor trabalho. Deixa de haver um valor natural e passa a imperar o valor do mercado. A natureza foi mercantilizada. A famosa tese de Marx «Até agora os filósofos têm-se limitado a interpretar o mundo de maneiras diferentes, o que há que fazer é transformá-lo», foi aplicada até às piores consequências.

A determinação bíblica do «crescer, multiplicar-se e dominar a terra», quando informada pela lógica do mercado teve consequências quase incontroláveis. É claro que o crescimento demográfico (5) e a melhoria da qualidade de vida dependem do desenvolvimento da técnica, mas quando se perde o valor da solidariedade, aquela fica desnorteada no seu sentido.

4. Então, qual a razão de ser da visão ecológica, num sentido geral? Primeiro, o chamar a atenção para as limitações da ciência, que se tem deixado progredir à margem de um saber global, contribuindo, independente deste, para a absolutização do mercado e do valor trabalho — o valor do real depende do mercado — numa patente actuação pelo visível e pelo rentável. Segundo, e em íntima ligação com o primeiro aspecto, o ecologismo aparece com o propósito de uma consideração global da natureza.

É evidente um aumento da liberdade do homem ao longo da história, quer na capacidade de transformação da natureza física em geral, quer do seu próprio corpo. No entanto, esse poder agente não pode ser arbitrário, pois, como refere Luís Archer, a natureza tem as suas leis fundamentais, que o homem, na sua

acção, deve necessariamente respeitar: «o homem não é o senhor absoluto do Universo. Ele pode e deve intervir na natureza, mas respeitando as suas leis fundamentais. Pode criar novos equilíbrios ecológicos, mas não pode simplesmente ignorar esses equilíbrios. Deve ser inovador, mas respeitando as regras do jogo» (6).

Em conclusão, pensamos que, independentemente do como, a ecologia é uma boa chamada de atenção para alguns excessos do homem. O querer o progresso, o desejar mais e melhor, desenfreadamente, «explorando» a natureza, pode encontrar pelo caminho a «vingança» dessa mesma natureza. Para a subida do degrau civilizacional nem todos os caminhos são verdadeiros e bons.

(4) Como refere Luc FERRY, «Na verdade, não estarão os próprios ecologistas profundos a ser 'antropocêntricos' ao pretenderem saber o que é melhor para o ambiente natural?», *Ib.*, p. 184.

(5) A superpopulação é tida por K. Lorenz como um dos «pecados mortais da civilização». Konrad LORENZ, *Os Oito Pecados Mortais da Civilização*, trad. port., Moraes, Lisboa, 1974, pp. 25-32.